

CADERNOS DE LANZAROTE: O DIÁRIO COMO “ESPELHO DE CONFIANÇA”**LANZAROTE DIARIES: THE DIARY AS A “MIRROR OF TRUST”**

https://doi.org/10.46551issn2179-6793RA2022v24n1_a03

Prof. Dr. Marcelo Brito da Silva
Prof. Dr. Vinícius Carvalho Pereira

RESUMO: O artigo analisa um dos usos que José Saramago fez dos *Cadernos de Lanzarote*, a saber, o diário como forma de comprazimento próprio ou, conforme expresso no prefácio à obra, um “espelho de confiança”, bem como excertos que registram o modo como o escritor reagiu a acusações de uma escrita narcisista. São acionados autores que refletiram sobre a escrita diarística de modo geral, como Lejeune (2014), Didier (1991), Rocha (1977) e Gusdorf (1991) e, pelo lado da crítica saramaguiana, contribuições de Seixo (1987), Baptista (1997), Reis (1996), Mathias (1997) e Altemberg (2002). Nossa análise indica que os diários de Saramago revelam um homem que cultivava uma autoestima sã diante de seus sucessos, temperada por uma retórica da modéstia.

PALAVRAS-CHAVE: Cadernos de Lanzarote; José Saramago; diário; comprazimento próprio; retórica da modéstia.

ABSTRACT: This article analyzes one of the uses that José Saramago made of his *Lanzarote Diaries*, namely the diary as a form of self-satisfaction or, as expressed in the preface to that work, a "mirror of trust", as well as excerpts that register the way the writer reacted to the accusations of a narcissistic writing. To do so, we refer to scholars who have reflected on diaristic writing in general, such as Lejeune (2014), Didier (1991), Rocha (1977), and Gusdorf (1991), as well as to contributions by Seixo (1987), Baptista (1997), Reis (1996), Mathias (1997), and Altemberg (2002) to the criticism on Saramago's writings. Our analysis points out that Saramago's diaries show a man with a healthy self-esteem in all his successes, tempered by a rhetoric of modesty.

KEYWORDS: Lanzarote Diaries; José Saramago; Diary; self-satisfaction; rhetoric of modesty.

O título desse artigo remete a uma expressão encontrada no prefácio dos *Cadernos de Lanzarote* e aponta um dos usos que José Saramago faz da escrita do diário, a saber, uma forma de comprazimento próprio. Assim sendo, focalizaremos tanto expressões de autocomprazimento quanto ocorrências que registram o modo como o diarista reage às acusações de narcisismo que elas fomentaram, por vezes recorrendo também a uma retórica da modéstia. Tal corolário de autogratificação estende-se por todos os anos do seu registro diarístico, por isso dissemos em publicação anterior¹ ser esse um dos quatro importantes vetores de análise nos *Cadernos de Lanzarote*, em paralelo a outros três que merecem ser estudados em detalhe separadamente: o uso do diário como estratégia de defesa, para extravasamento das emoções e para construção da personalidade.

A epígrafe dos *Cadernos*, colhida de Ortega y Gasset, diz: “Eu sou eu e minha circunstância”². Considerando que o diário é o registro datado de uma circunstância, não é de se admirar que nos *Cadernos* nos deparemos com a rotina de um escritor famoso e celebrado: indicações, júris, prêmios, convites, entrevistas, lançamentos, adaptações da obra, louvores, honrarias, conferências, viagens internacionais e outros eventos. Após a leitura das mais de mil páginas dos diários de José Saramago, podemos dizer que o comprazimento próprio é uma das tônicas do texto e, não por acaso, o tema aparece e é esclarecido logo no prefácio. Seu autor também percebeu isso, mas não se deixou tolher mesmo em face da publicação. É o seu diário, afinal, e nele o escritor achou por bem anotar a *sua* circunstância, justificando a epígrafe.

Foi principalmente esse autocomprazimento que motivou as acusações de “narcisismo a frio” às quais o autor alude no prefácio³. Com efeito, José Saramago cultivou seu diário como um exercício de autocomplacência, porém acreditando que com ele poderia reter o tempo, pois o diário é, entre outras

¹ DA SILVA, 2020.

² SARAMAGO, 1997, p. 9.

³ SARAMAGO, 1997, p. 9.

coisas, uma luta contra o esquecimento⁴. Na passagem abaixo, José Saramago externa a mesma noção do diário como estratégia para fixação do tempo, bem como o prazer de escrever sobre si ou, como ele disse no prefácio, de lançar um olhar sobre si mesmo sem grandes pretensões literárias:

Eis-me, aparentemente, caído em plena contradição. Na entrevista que dei a Mário Santos, hoje publicada, afirmo em dada altura que «não vivi nada que valha a pena ser contado». Mesmo ao leitor mais distraído há-de afigurar-se bastante duvidosa a sinceridade de tais palavras, quando se sabe **o uso que venho dando a estes cadernos, metódico e quase obsessivo inventário dos meus dias de agora, como se tudo quanto neles me acontece valesse afinal a pena**. Creio que não há realmente nenhuma contradição. Uma coisa é olhar o passado à procura de algo que mais ou menos lhe tenha sobrevivido e portanto mereça ser recordado, **outra é registar simplesmente o dia-a-dia, sem pensar em ordenar e hierarquizar os factos, apenas pelo gosto (ou tratar-se-á duma expressão mal disfarçada do que conhecemos por espírito de conservação?) de fixar, como tenho dito, a passagem do tempo**. Por outras palavras: se eu vivesse cinquenta anos mais e estivesse a ser entrevistado por um Mário Santos também cinquenta anos mais velho, estou certo de que lhe repetiria, com a mesma sincera convicção de hoje, esquecido de quase tudo quanto nestes cadernos escrevi: «Não vivi nada que mereça a pena ser contado»⁵.

Essa passagem é muito significativa por revelar o que José Saramago pensa do próprio diário e também como uma resposta às críticas de vaidade e *secura*. O escritor se serve do diário como um registro desprezioso do seu cotidiano (vivências, pensamentos, lembranças, opiniões), praticando-o como uma forma textual livre e aberta, aspectos que Béatrice Didier (1991) destacou como característicos da escrita diarística. Por outras palavras, José Saramago faz dos *Cadernos* um inventário dos dias, uma tentativa de contenção da vida que passa, mas sem preocupações de ordenação ou hierarquia, no espírito do “deixar acontecer” e sem melindres para falar de si mesmo, fazendo confissões,

⁴ BORGES, 2016.

⁵ SARAMAGO, 1997, p. 315-316, grifos nossos.

elogios de boca própria, degustando o sucesso de sua obra, entre outras manifestações que foram sublinhadas pela crítica como narcisismo a frio.

Assim, ganham proeminência nos *Cadernos* os comentários sobre a rotina profissional, nos quais é natural que o escritor seja constante protagonista⁶, um Narciso que se contempla com condescendência, mas sem exageros ou ilusões, e que procura temperar a construção de sua autoimagem com uma retórica de modéstia, como tentaremos detalhar mais à frente.

Uma voz em defesa dos *Cadernos* foi a de Carlos Reis, cujas palavras coadunam-se com o que escrevemos acima à luz da epígrafe de Ortega y Gasset. Na ocasião, Reis ressaltou o enfoque equívoco e mal-intencionado da crítica que desconsiderou a tendência do diário de ser um registro circunstancial, pois pouco se atentou para

um propósito de registo diário de acontecimentos na vida de um escritor, de facto absorvido como poucos (ou nenhum outro) entre nós pela sua legítima condição de escritor profissional; em vez disso, salientou-se, com alguma insistência e não menor perversidade, o registo egocêntrico, bem como a fugacidade daquilo que ele circunstancial e subjectivamente fixou⁷

Numa passagem em que José Saramago comenta a chegada tardia de uma correspondência, ele externa impaciência com a insistência da crítica em suas cobranças de “genialidade”, apelando para o tautológico argumento que lemos abaixo:

Simplesmente, uma vez mais, a carta dela, posta no correio, em Paris, no dia 4 de Março, só ontem chegou às minhas mãos... Perguntar-se-á que diabo de importância encontro eu num episódio, ao parecer irrelevante, para vir a correr registá-lo aqui, **e eu respondo que lhe encontro toda a importância, pela muito evidente razão de que isto é um diário e estes acontecidos estão acontecendo. Diariamente**⁸.

⁶ ROCHA, 1977.

⁷ REIS, 1996, p. 22.

⁸ SARAMAGO, 1997, p. 261, grifos nossos.

Também em tom de justificativa, no registro de 13 de Abril de 1994, o escritor busca no dicionário o verbete “narcisismo”, motivado pelas reações negativas aos *Cadernos* e defende a sanidade de sua autoestima, sem a qual ninguém se daria ao trabalho de registrar o próprio cotidiano:

Da Antena 2 de Lisboa perguntam-me que comentário me merece o facto de os *Cadernos* estarem a ser objecto de uma «crítica negativa», exemplificada essa negatividade com a acusação de «narcisismo» que tem vindo a ser-me feita. Respondi que, felizmente para Rembrandt, não foram suficientes os muitos retratos que pintou de si mesmo para que lhe chamassem «narciso». Depois remeti a simpática entrevistadora para a introdução do livro, onde está tudo explicadinho, e esta seria a última referência que aqui faria ao recreativo caso se não me tivesse ocorrido a ideia de ir ao dicionário saber o que teria ele para dizer-me sobre «narcisismo». Reza assim: «Amor excessivo e mórbido à própria pessoa, e particularmente ao próprio físico. Em psicanálise, estado psicológico em que a libido é dirigida ao próprio ego» Respirei aliviado: **é verdade que tenho uma certa estima pela pessoa que sou, não o nego, mas trata-se de uma estima sã, normal e respeitosa, sem demasiadas confianças**. Quanto à libido, juro e tornarei a jurar, com a mão sobre a Constituição ou outro livro sagrado qualquer, que não é ao meu próprio ego que ela se tem dirigido em tantos anos de vida⁹.

Philippe Lejeune (2014) afirma que o papel é um espelho e a imagem que projetamos nele tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, o que envolve repetição, contradição e transformação. E tal como é certo que não é possível viver sem alguma autoestima, o diário constitui um espaço privilegiado de construção de uma imagem positiva. Conforme escreveu José Saramago no prefácio dos *Cadernos*, o diário é um “espelho de confiança, adestrado a transformar em beleza a simples boa aparência ou, no pior dos casos, a tornar suportável a máxima fealdade”¹⁰.

Abel Barros Baptista (1997), em estudo dedicado aos dois primeiros volumes dos *Cadernos de Lanzarote*, aponta o narcisismo como questão

⁹ SARAMAGO, 1997, p. 263-264, grifos nossos.

¹⁰ SARAMAGO, 1977, p. 9.

premente e motivo das reações negativas da crítica. Nesses volumes predominam os sinais da fortuna do nome de Saramago, observação que podemos dizer que se aplica a toda a extensão dos *Cadernos*. Baptista (1997) ressalta que tais diários foram recebidos com reserva pela crítica, mas defende que a acusação de narcisismo é inadequada e pouco pertinente. Subscrevemo-lo especialmente nesse ponto: é irrelevante discutir se José Saramago é ou não um escritor vaidoso. O que importa é o valor dos *Cadernos* como texto, a apropriação particular que o escritor fez do gênero para construir uma imagem de si. É essa construção textual que, em nossa opinião, deveria interessar à crítica, e não a tarefa de procurar munção para juízos morais sobre vícios ou virtudes do escritor.

Com efeito, o complexo de Narciso é a condição primeira da escrita autobiográfica. Nela o escritor orienta o espelho em direção a si mesmo e se torna contínuo protagonista, pois tudo o mais gravita em torno de si na narrativa¹¹. Por semelhante modo, Georges Gusdorf (1991) discorre sobre a centralidade do eu na autobiografia, afirmando que o autobiógrafo dá um relevo especial à sua existência, agradando-se em se contemplar. Lejeune (2014), por sua vez, afirma que o prazer de escrever sobre si mesmo é uma das utilidades do diário: “um caderno no qual nos contamos [...] é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá”¹². Segundo ele, trata-se do duplo prazer de “existir em palavras” e de “deixar um vestígio”¹³.

É perceptível o prazer com que José Saramago escreve sobre si nos *Cadernos* e saboreia seus sucessos. Sendo ele um escritor de profissão que alcançou a notoriedade e a prosperidade financeira, com obra vasta e multímoda, a maioria das entradas do seu diário versa sobre aspectos relacionados a ela e a compromissos de ofício. Chamam a atenção a quantidade de cartas recebidas, o assédio de leitores e jornalistas, os convites, as homenagens e os elogios de leigos e especialistas que o diarista não se furta

¹¹ ROCHA, 1977.

¹² LEJEUNE, 2014, p. 304.

¹³ LEJEUNE, 2014, p. 306.

em documentar. Esta é, afinal, a *sua* circunstância e, sendo assim, o escritor não poderia escapar das acusações de vaidade e narcisismo.

Gostaríamos de analisar a apropriação dos *Cadernos* como exercício de comprazimento próprio, começando com uma passagem escolhida cirurgicamente. Consideramo-la deveras significativa porque nela o autor discorre sobre uma proeza pessoal que enaltece a própria inteligência e capacidade imaginativa. Nada tem a ver com a rotina de escritor, mas sim com uma demanda doméstica que ensejou uma das mais evidentes ilustrações de autocomplacência encontradas nos diários do escritor. Transcrevemo-la a seguir com algumas supressões devido à sua significativa extensão:

Verifico, com **discreta mas justificada satisfação**, que se mantêm em estado de bom funcionamento, para não dizer que **me parecem de todo intactos, os dons de imaginação e engenho com que vim ao mundo, graças aos quais pude chegar aonde felizmente cheguei.** (...) O caso conta-se em rápidas palavras. Quando foi preciso decidir como deveria ser revestida uma parte importante do chão da casa, escolhi umas lájeas de cor castanho-escuro, de superfície brilhante e irregular (...) Porém, por um erro que até há poucos dias parecia não ter remedeio, a argamassa saiu mais clara do que convinha, donde resultou que a indiscutível beleza das minhas lájeas se viu afectada pelo quase branco e obsessivo quadriculado formado pelas juntas. (...) **Mas bem certo é que nunca se proclamará demasiado que a necessidade aguça o engenho.** Depois de mil e uma perguntas a outros tantos supostos entendidos sobre como poderiam ser decentemente escurecidas as agressivas juntas, respondidas todas elas, as perguntas, ora com um pungente encolher de ombros, ora com uma peremptória declaração de impossibilidade, **foi um simples escritor, ainda por cima nunca ouvido em tais matérias, que teve a fortuna, e por que não o merecimento, de encontrar a solução:** o chá. Sim, o chá. Tomava eu, numa destas manhãs, o meu pequeno-almoço habitual, composto de torradas, sumo de laranja, chá e iogurte, quando de repente, **com a evidência deslumbrante da pura genialidade**, compreendi que a solução estava no chá. (...) **O resultado foi esplêndido.** Agora, como um operário escrupuloso que não olha a penas nem a sacrifícios, de joelhos no chão, indiferente ao ridículo, faço avançar em cada dia este **trabalho duas vezes louvável:** o de melhorar a aparência da casa (...). A família não sabe bem como comportar-se: gostaria, creio, de aplaudir o feito, mas ainda não se conformou com isto

de um mero escritor de livros se permitir mais ideias que as literárias...¹⁴.

Há um ditado português que adverte: “elogio em boca própria é vitupério”¹⁵, retomado por Saramago em *A viagem do elefante*. Mas nesse episódio das juntas do piso, José Saramago pôs de lado a modéstia e resolveu preencher o registro do dia com a autocongratulação. Como escreve Philippe Lejeune (2014), o diário é um gênero que convida o escritor a refletir sobre sua individualidade e, sem constrangimento, fomentar uma imagem positiva de si, desenvolvendo uma autoestima saudável. O diário é, nesse sentido, uma atividade terapêutica de autovalorização.

Vejamos as expressões com que José Saramago exalta sua proeza, apresentando o caso com uma maestria narrativa que transforma um episódio aparentemente banal em um relato marcado por linguagem literária e enredo cativante. O escritor começa advertindo que o episódio do chá lhe trouxe uma satisfação justificada e “discreta”. No entanto, nada tem de discreto o modo como o autor se vangloria. Diz, por exemplo, que nasceu com o dom do engenho e da imaginação e, segundo lhe consta e como corrobora a proeza em apreço, tal dom permanece intacto, pois não arrefeceu com o passar dos anos. Usa inclusive a nada modesta fórmula “cheguei aonde cheguei”, valorizando sua trajetória de escritor. E acrescenta que sua imaginação lhe traz benefícios para além da trivial atividade de publicação de livros, abrindo-lhe possibilidade a novas proezas.

Claro que, na utilização que fazemos dessa passagem como exemplo de autocomplacência, precisamos dar um desconto ao escritor, o qual, via de regra, valoriza a humildade em sua autoapresentação nos *Cadernos*. Ocorre que a anedota reivindica mesmo um tom bem-humorado, cuja “graça”, o chiste por assim dizer, parece estar justamente na exposição intencionalmente explícita de autocomplacência.

¹⁴ SARAMAGO, 1997, p.39-41, grifos nossos.

¹⁵ SARAMAGO, 2008, p. 187.

O escritor continua a exposição de sua exitosa experiência arquitetônica, dizendo que “a necessidade aguça o engenho”. Estamos, mais uma vez, diante do proverbial narrador que encontramos nos romances. Conforme Maria Alzira Seixo, a tendência ao provérbio é uma das marcas da escrita saramaguiana¹⁶. Lembremos que, para José Saramago, narrador e autor são a mesma pessoa¹⁷, o que significa dizer que o narrador dos romances está aqui nos diários e é o próprio José Saramago, não há nada a estranhar. Então, este narrador nos conta que a fortuna e o mérito pela solução aparentemente impossível de escurecer as juntas do piso couberam ao prodigioso escritor, leigo em tais matérias de construção, o que evidencia sua “pura genialidade”.

Philippe Lejeune, quando fala que, nos diários destinados à publicação, os autores escrevem de “paletó e gravata”¹⁸, também coloca em xeque a suposta espontaneidade do texto e a imagem de um eu ali construída. A doação de si, que é uma das características do diário segundo Clara Rocha (1977), fica sempre vigiada por essa consciência de publicidade que pode ser resumida na indagação: “o que os outros vão pensar”? Nos *Cadernos*, são vários os excertos que acusam tal consciência e que relativizam a noção de imediatismo da escrita diarística, conforme Béatrice Didier (1991). Há em Saramago, de fato, uma nítida preocupação com a publicidade dos diários e o autocomprazimento neles expresso.

Além da passagem sobre o chão e as lájeas, muitas outras proezas anotadas nos *Cadernos* merecem uma passada de olhos e trataremos a seguir de algumas mais representativas. Trata-se de impressões positivas do escritor tanto em momentos de autoavaliação quanto colhidas de terceiros, alimentadas geralmente pela reação do público ao seu desempenho, sendo que em ambos

¹⁶ SEIXO, 1987.

¹⁷ Ainda que a equação entre narrador e autor possa ir na contramão de pressupostos da Teoria Literária mais tradicional, essa posição é reiterada por Saramago em diferentes momentos de sua carreira.

¹⁸ LEJEUNE, 2014, p. 337.

os casos é possível perceber certo constrangimento em registrá-las, dado que parece sinalizar seu receio com a “malsã” opinião alheia.

Começamos por colocar na fatura do elogio próprio a entrada de 31 de Maio de 1993, em que o escritor se gaba de haver sido agraciado pela visita de Chico Buarque durante um evento na cidade do Porto. O cantor e escritor brasileiro fez questão de encontrar-se com Saramago, que encerra o registro com essas palavras: “Nada o obrigava, não lhe faltariam coisas mais interessantes para fazer, e foi ali para me abraçar”¹⁹.

Outra passagem significativa em abono do comprazimento próprio se encontra na entrada de 30 de Abril de 1993²⁰, na qual o escritor registra a votação da Assembleia Municipal de Mafra, cujo resultado foi contrário à proposta de atribuição da medalha de ouro ao *Memorial do Convento*. O escritor ressentia-se do teor da justificativa: o livro havia estragado o nome de Mafra, além de ter sido considerado “reprovável a todos os títulos”. Além disso, “não convinha distinguir um escritor comunista”. Como de costume, José Saramago não se cala diante da afronta e, na oportunidade, põe em destaque o ineditismo de seu romance e o disparate de uma Assembleia que cometera um atentado contra a inteligência. Vale notar que nessa passagem o escritor põe de lado a modéstia para dar uma resposta à altura da indignação sofrida:

Quer dizer: tolera-se (com dificuldade) que existam comunistas, consente-se (porque não é possível evitá-lo) que alguns desses comunistas sejam escritores, **mas eles que não se lembrem de escrever o Memorial do Convento, mesmo que em dois séculos e meio de iluministas e árcades, de românticos e realistas não se tenha achado ninguém para o fazer**. Peço, portanto, aos habitantes de Mafra, que, até às próximas eleições locais, considerem esse livro como não existente, uma vez que, por uma razão ou por outra (por não serem dignos dele, ou por ser indigna deles a decisão tomada), não o merecem. Depois, contados os votos, corrigido ou não pelas urnas **o atentado que agora foi cometido, contra a inteligência**, mais do que contra mim, logo verei se devo restituir a Mafra o Memorial que lhe

¹⁹ SARAMAGO, 1997, p. 52.

²⁰ SARAMAGO, 1997, p. 24-25.

ofereci há onze anos, ou retirar o seu nome do mapa de Portugal que ainda conservo dentro do coração²¹.

Em várias passagens, José Saramago mostra-se surpreso com a admiração dos seus leitores e, assim, os *Cadernos* vão dando conta da maneira como o diarista toma consciência daquilo que ele mesmo chamou de “um descoberto amor dos outros”²². O diarista registra as reações do seu público com evidente satisfação. Mas o que um escritor mais deseja senão ser lido? E se os leitores se mostram pródigos em gratidão e elogios, como não se sentir satisfeito com isso?

No *Diário II*, o escritor escreve que, ao sair de um avião em Buenos Aires, uma das tripulantes cumprimenta-o chamando pelo nome. Surpreso com o fato de que a moça o conhecia, ainda por cima ouviu dela o elogio: “Claro, não é todos os dias que transportamos um gênio”²³. Essa entrada é rematada com o seguinte comentário, no tom habitual de modéstia com o qual o escritor procura atenuar a autocomplacência da nota e a ira dos invejosos de plantão: “Conclusão tão rápida quanto lógica: ou este nosso confundido tempo já não sabe o que são gênios, ou eles simplesmente não viajam de avião”²⁴.

Por semelhante modo, José Saramago confessa seu assombro em ouvir os elogios que lhe são dirigidos por ocasião de sua nomeação como Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Manchester. Na ocasião, destaca mais uma vez sua origem humilde e as agruras de sua trajetória, as quais, como se vê, narra como não impeditivas do seu sucesso pessoal:

O rapazito que andou descalço pelos campos da Azinhaga, o adolescente de fato-macaco que desmontou e tornou a montar motores de automóveis, o homem que durante anos calculou pensões de reforma e subsídios de doença, e que mais adiante ajudou a fazer livros, e depois se pôs a escrever alguns — esse homem, esse adolescente e esse rapazito acabam de ser nomeados Doutor honoris causa pela Universidade de

²¹ SARAMAGO, 1997, p. 24-25, grifos nossos.

²² SARAMAGO, 1997, p. 263.

²³ SARAMAGO, 1997, p. 381.

²⁴ SARAMAGO, 1997, p. 381.

Manchester. Lá irão os três em Maio, a receber o grau, juntos e inseparáveis, porque só assim é que querem viver. Tão inseparáveis e juntos que, mesmo agora, quando estou a procurar as palavras certas para deixar notícia do afago que me fizeram, estou também, de forquilha na mão, a mudar a cama aos porcos do meu avô Jerónimo e a rodar válvulas num torno de bancada. Benedetto Croce dizia que toda a História é história contemporânea. A minha também²⁵.

Ainda no *Diário IV*, em 15 de Abril de 1996, há o registro de várias distinções que José Saramago recebeu. Trata-se de um dia de alegrias em que lhe vão chegando ao conhecimento, por vários caminhos, notícias de seu sucesso como escritor, as quais o escritor saboreia com grande satisfação:

Há dias bem-fadados. Este, logo de manhã, deu-me a notícia de que o Evangelho é um dos sete livros seleccionados para o Prémio Literário Internacional de Dublin. Pouco depois, simpaticamente, o fax estendeu-me uma carta da Câmara da Golegã comunicando-me que me foi atribuída a medalha municipal. Para um dia só, já não estava mal, mas, passadas poucas horas, o correio trouxe-me: a) enviada por Joaquín Vida, para leitura e parecer, a tradução de Eduardo Naval de *A Noite*; b) de Lygia Fagundes Telles, a propósito do Ensaio, uma quadra do Nordeste brasileiro que reza assim: Um cego tomou / um louco por guia / e começou a ver / o que ninguém mais via; c) a carta comovida (e comovedora) de uma leitora de 24 anos, Carla Garcia, também sobre o Ensaio sobre a Cegueira. «Não aguento mais», disse, abalado, para Pilar. Mas o dia não queria ir-se embora sem dar-me ainda outra alegria: já noite adiantada, telefonou a Rádio Comercial a dizer que o Eduardo Lourenço tinha ganho o Prémio Luís de Camões... Obrigado, dia 15. Foi uma bela despedida²⁶.

Aproveitamos o excerto acima para contestar a afirmação de Marcelo Duarte Mathias (1997), para quem José Saramago apresenta-se nos *Cadernos* como um escritor a quem nenhuma distinção satisfaz. No artigo “Autobiografias e diários”, Mathias afirma que os *Cadernos de Lanzarote* são “o repositório da

²⁵ SARAMAGO, 1997, p. 484.

²⁶ SARAMAGO, 1999, p. 108-109.

permanente insatisfação” de José Saramago e que suas melhores páginas são “obliteradas por um espírito de queixume e recriminação”²⁷.

Reconhecemos, porém, haver nas páginas diarísticas um sentimento de mal-estar com o “cortejo de invejas, de intrigas e de maledicências”²⁸ que geralmente era o preço a ser pago pelos prêmios. Como exemplo disso, podemos destacar homenagens que, mesmo não sendo de grande vulto ou remuneração, foram suficientes para tocar a corda do coração do escritor. Em 23 de Outubro de 1997, José Saramago registra, emocionado, a cerimônia preparada por estudantes de Madrid, nestes termos:

Numa cerimónia simples, mas comovedora de mais para uma sensibilidade fragilizada por duas semanas de exaustivo trabalho e de emoções, a Residência de Estudantes da Universidade Carlos III concedeu-me a sua «Beca de Honor». É uma distinção atribuída pelos estudantes, não pelo claustro universitário, e isto não significa que valha mais ou que valha menos. Vem dos estudantes, simplesmente...²⁹.

E, ao ser informado por telegrama que iria receber o Prêmio Rosalia de Castro, criado para distinguir autores ibéricos, José Saramago comenta:

O prémio, abençoado ele seja, é dos simbólicos, não dá cheque. Os vencedores não irão a Santiago de Compostela receber dinheiro, mas aposto que ficarão mais ricos de amizade³⁰.

Para fazer justiça a Mathias (1997), se não é pertinente falar em “queixume”, talvez se possam admitir as “recriminações”, pois há trechos em que o escritor questiona os critérios de eleição dos contemplados, como lemos em suas críticas relativas ao prêmio Camões e, especialmente, ao Prêmio Nobel de Literatura.

Ainda no que tange aos julgamentos de valor literário, tema recorrente dos *Cadernos*, chamamos atenção à passagem dos diários que destaca o resultado

²⁷ MATHIAS, 1997, p. 58.

²⁸ SARAMAGO, 1997, p. 76.

²⁹ SARAMAGO, 1999, p. 452.

³⁰ SARAMAGO, 1999, p. 236.

de uma pesquisa publicada na revista *Ler*, acerca dos escritores portugueses considerados mais importantes. Num misto de incredulidade e gratidão, José Saramago anota o feito que o coloca numa posição privilegiada no *ranking*. E, apesar de incluir uma confissão de mal-estar com o resultado, a façanha fica registrada nos *Cadernos* como mais um exemplo de comprazimento próprio:

Os resultados deixaram-me confundido, incrédulo e grato, uma mistura de reacções onde ainda encontro lugar para um certo sentimento de irritação porque isto não pode ser verdade, ou, sendo verdade (costuma-se dizer que os números não mentem...), é uma verdade que me dá mal-estar e vontade de me esconder. Assim, ficou-se a saber que sou o «autor que desfruta de maior popularidade», que o *Evangelho* foi «o livro contemporâneo mais lido no último ano» , e que, como se estas demasias ainda fossem pouco, consideram-me «o autor mais importante» , à frente (oh, meu Deus!) de Pessoa, Eça, Torga, Camilo, Camões, Namora, Vergílio, Garrett, Júlio Dinis, Agustina, Aquilino, Cardoso Pires, Manuel da Fonseca, Esteves Cardoso, Natália, Florbela e Herculano — o que demonstra que os números, afinal, mentem com quantos dentes têm na boca³¹.

O excerto acima nos lembra que o autocomprazimento é por vezes modalizado nos *Cadernos* por uma retórica da modéstia, que ajuda a compor um autorretrato mais matizado do autor por meio da escrita de si. Nessa passagem, em outras em que o diarista registra o elogio de terceiros, José Saramago desenvolve um discurso de humildade, matizado por uma expressão de não merecimento. No entanto, não deixa de celebrar seu desempenho na pesquisa entre os escritores portugueses de prestígio, sendo a escrita do diário o espaço privilegiado para tal celebração. Mesmo que depois a retórica de modéstia redimensione a façanha, ficou registrado que José Saramago foi o autor que apareceu como o escritor de maior popularidade, o *Evangelho segundo Jesus Cristo* como o livro mais lido no ano anterior e o seu autor como figura de proa da literatura portuguesa, à frente de nomes como Fernando Pessoa e Eça de Queiroz. E ainda que a mesma retórica se encarregue de afirmar que os números mentem, a essa altura já está lustrado o ego do escritor.

³¹ SARAMAGO, 1997, p. 140.

Acerca da retórica da modéstia saramaguiana, Tilmann Altemberg (2002) explica o “pudor” como a atitude de Saramago em evitar o risco das acusações de narcisismo, visto que os diários provocaram reações negativas da crítica, que ressaltaram a índole vaidosa dos apontamentos. Segundo essa crítica, os *Cadernos* limitavam-se “ao registo presunçoso de viagens de leitura, condecorações públicas e outras entradas na cena da vida social”³².

A fim de minorar o efeito de tais críticas, Saramago lançou mão de variados recursos discursivos, como certa resistência à autorreferência em primeira pessoa, utilizando por vezes em seu lugar variadas expressões em terceira pessoa, do tipo “esta simples pessoa”³³, “quem por estes cadernos responde”³⁴ ou “este português vindo de Lanzarote”³⁵. Tais sintagmas cumprem também o papel de construir um efeito de sentido de distanciamento entre o eu da enunciação e o eu do enunciado, instanciado como um “ele”.

Altemberg (2002) chamou essa retórica de “o pudor de Narciso” em estudo dedicado aos dois primeiros volumes dos *Cadernos*. Ele destaca que no primeiro volume já é possível perceber uma atitude pudorosa de modo incipiente em locuções de autorrelativização, tais como “tanto quanto sei”, “parece-me”, “em minha fraca opinião” e também em colocações mais explícitas de distanciamento de uma possível crítica de vaidade. Destas últimas, servem como exemplo trechos em que Saramago reconhece suas limitações em algumas áreas do conhecimento:

Maria do Sameiro Pedro envia-me a gravação da lição pública que deu no âmbito de um curso de mestrado em literatura portuguesa contemporânea da Faculdade de Letras de Lisboa, sobre o *Manual de Pintura e Caligrafia*. Pede-me que lhe dê opinião, e isso vai-me custar torturas, pois **qualquer maria-do-sameiro deste mundo sabe infinitamente mais do que eu a respeito dessas questões de análise e interpretação de textos, para que me faltam a técnica e a linguagem**³⁶.

³² ALTEMBERG, 2002, p. 232-233.

³³ SARAMAGO, 1997, p. 13.

³⁴ SARAMAGO, 1997, p. 528.

³⁵ SARAMAGO, 1999, p. 299.

³⁶ SARAMAGO, 1997. p. 73-74, grifos nossos.

No mesmo quadro de estratégias discursivas de afirmação de modéstia, José Saramago registra sua participação em um colóquio de filósofos realizado na cidade do Porto e confessa sua ignorância nessa área: “Mas eu, escusado será dizê-lo, de filosofias não entendo nada, nem sequer das portuguesas, que devem ser das mais fáceis...”³⁷.

Segundo Altemberg, “os diários de Saramago não são destinados exclusivamente à auto-afirmação íntima do autor, implicam também um leitor público”³⁸. A presença desse leitor aparece de forma clara quando José Saramago antecipa suas reações, conforme algumas passagens que já tivemos oportunidade de destacar. Com esse leitor em mente, o escritor mostra-se cauteloso, sabendo que qualquer autoavaliação positiva corre o risco de ser entendida como presunção. Para atenuar esse risco, José Saramago transcreve juízos alheios, inclusive alguns negativos, coerente com sua proposta de uma autoapresentação “sem demasiadas confianças”³⁹.

Com efeito, José Saramago não é um Narciso que adula a própria beleza, mas sim um eu que reflete imagens diversas e contraditórias e que não deseja que se lhe apeguem o rótulo da presunção. A retórica de modéstia é justamente o ponto de fuga de um Narciso que não quer se perder na própria beleza. Seus diários revelam, pois, um homem que cultiva uma autoestima sã, pela qual não se furtou em celebrar seus próprios sucessos como escritor, os quais protagonizam muitas entradas que falam de prêmios, homenagens, traduções, adaptações, lançamentos e das reações de seus leitores. Nesses passos, o comprazimento próprio configura um modo de usar característico do diário na escrita de si saramaguiana.

Referências bibliográficas

³⁷ SARAMAGO, 1997, p. 42.

³⁸ ALTEMBERG, 2002, p. 235.

³⁹ SARAMAGO, 1997, p. 264.

ALTEMBERG, Tilmann. O pudor de Narciso: estratégia retórica e consciência meta-diarística nos *Cadernos de Lanzarote* de José Saramago. **Actas da secção 8 do IV Congresso da Associação Alemã de Lusitanistas**. Frankfurt, 2002, p. 233-250.

BAPTISTA, Abel Barros. O espelho perguntador. **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n. 143/144, jan. 1997, p. 63-79.

BORGES, António José. Saramago por Saramago. **Revista de Estudos Saramaguianos**, nº 3, janeiro, 2016, p. 149-164.

DA SILVA, Marcelo Brito. **Viver e contar**: diários de uma tese sobre os *Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago. 2020. 270f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, Mato Grosso.

DIDIER, Béatrice. **Le journal intime**. Paris: Puf, 1991.

GUSDORF, Georges. Condiciones y limites de la autobiografía. **Suplementos Antropos**, Madrid, n.29, 1991, p.9-20.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. **Revista Colóquio/ Letras**. Ensaio, nº. 143/144, Jan. 1997, p. 41-62.

REIS, Carlos. José Saramago – Contador dos dias. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. Lisboa, 3 de Julho de 1996.

ROCHA, Clara Crabbé. **O espaço autobiográfico em Miguel Torga**. Coimbra: Almedina, 1977.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEIXO, Maria Alzira. **O essencial sobre José Saramago**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

MARCELO BRITO DA SILVA é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Literatura e Diversidade Cultural e Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (UFMT), *campus* Rondonópolis, onde atua principalmente no ensino de língua portuguesa e literatura brasileira.

VINÍCIUS CARVALHO PEREIRA é Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e Licenciado em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado I do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

Recebido em novembro de 2022

Aprovado em dezembro de 2022